

O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQs) COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO EM UMA SALA DE AULA DE 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ive Marian de Carvalho
(PROFLETRAS/UFCE – Mestranda)

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA
Ive Marian de Carvalho é mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente, é professora da rede estadual de ensino, na escola de Ensino Fundamental e Médio Maria Thomásia. E-mail: profvivicarvalho@outlook.com

RESUMO	ABSTRACT
Esse artigo trata de um projeto de leitura e produção de Histórias em Quadrinhos (doravante HQs), gênero ainda considerado inferior e impróprio ao contexto escolar por alguns professores da escola onde ocorreu o projeto, desenvolvido em uma turma de 9º ano do ensino fundamental, considerada difícil e desinteressada. O objetivo do trabalho foi aproximar os alunos das aulas de língua portuguesa, consideradas chatas e desinteressantes, através da utilização de um gênero com o qual se identificam, distanciando-se de modelos autônomos de letramento. A experiência permitiu conhecer de perto a realidade dos alunos, ajudando-os a superar dificuldades, não só no campo do letramento como em seus problemas do cotidiano.	This article is about a project of reading and producing comics, a genre still considered inferior and inappropriate to the school context by many teachers of the school where the project was made, developed in a class of ninth grade elementary school, considered difficult and disinterested. The aim of the study was to bring the students closer to the Portuguese classes, considered boring and uninteresting, through the use of a genre with which they identify themselves, distancing themselves from autonomous literacy models. The experience allowed us to know the reality of the students closely, helping them to overcome difficulties, not only in the literacy field, but also in their everyday problems.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Ensino-aprendizagem; Histórias em Quadrinhos; Letramentos.	Teaching-learning; Experience report. Comics; Literacy

INTRODUÇÃO

Este artigo trata de uma experiência vivenciada em uma sala de aula de 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Fortaleza, Ceará, em uma turma considerada pela maioria dos professores da referida escola como “problemática”. Grande parte dos alunos afirmava não gostar de ler e consideravam as aulas de português “chatas e cansativas”. Vários projetos voltados à leitura e escrita foram pensados e aplicados na turma, porém sem nenhum sucesso. Ao serem indagados dos motivos de não aderirem aos projetos sugeridos pela escola, os alunos eram quase unânimes em afirmar que não se identificavam com os textos escolhidos pelos professores ou não viam sentido nas atividades propostas.

A ideia do projeto a ser discutido neste trabalho surgiu a partir da observação, por parte de um grupo de professores da turma, de que alguns de seus alunos costumavam ler histórias em quadrinhos durante o intervalo das aulas. Levantou-se, então, em uma reunião, a hipótese de se desenvolver um projeto de leitura e escrita de HQs, que não foi bem aceita inicialmente por todos os professores. Alguns afirmavam que era um gênero inferior, não cobrado em contextos formais, assim, não viam necessidade em ensiná-lo; outros, que já fazia parte da leitura cotidiana dos alunos, portanto, não haveria aprendizado ao trabalhá-lo no contexto escolar.

Embora encontrando muitos empecilhos tanto por parte de alguns professores como da própria gestão, o projeto foi aprovado e proposto aos alunos, os quais, para a surpresa de todos da comunidade escolar, mostraram-se empolgados e dispostos a participar, diferente do que se percebeu em projetos anteriores, que contavam com pouca ou nenhuma adesão. Ao ver o interesse da turma, mesmo os professores que inicialmente mostraram-se contrários ao projeto passaram a apoiá-lo e a participar das atividades nele desenvolvidas. Vale salientar que a adesão dos alunos foi espontânea, pois inicialmente não foi levantada a hipótese de se dar notas pela participação.

O presente trabalho discute a aplicação deste projeto na turma citada, seu desenvolvimento e conclusão, além de levantamento de conceitos considerados relevantes para o trabalho, exposição da metodologia utilizada e considerações finais. Refletimos sobre o processo de apreensão do gênero HQs, elaborando atividades de intervenção com foco em uma melhor percepção de seu funcionamento. Acreditamos, em consonância ao pensamento de Lopes-Rossi (2012), que diferentemente da simples exposição ao gênero, a reflexão sobre suas características e função social seja um caminho mais produtivo para a abordagem do gênero na escola.

Pretendemos, através desse artigo, incentivar aos professores a não fundamentar suas práticas de ensino somente em culturas dominantes, não perpetuando, dessa forma, modelos autônomos de letramento.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a compreensão da importância do projeto a ser aqui discutido, é necessário observar que as formas de interação entre as pessoas mudam de acordo com suas necessidades, sendo influenciadas por diversos fatores, entre eles, a tecnologia, por exemplo. Assim sendo, o conceito de letramento não pode mais ser relacionado apenas à habilidade de ler e escrever, e essas habilidades não podem ser superestimadas, desvalorizando os sujeitos que não as dominam, como afirma Street (1984). Em nosso cotidiano, utilizamos a escrita para diferentes finalidades e nossas leituras são diversas; portanto, é necessário colocar em xeque a visão de que existe um tipo de leitura ou de práticas de escrita responsáveis por promover a erudição e, portanto, que devem ser as únicas a serem contempladas nos contextos escolares, desvalorizando as práticas de leitura e escrita cotidiana dos alunos.

Essa visão tradicional do ensino, chamada por Street (2014) de modelo autônomo de letramento, reproduz a cultura dos grupos dominantes, desvalorizando aquilo que não considera ser útil para que se alcance a erudição ou a escolarização, promovendo, desta forma, uma grande divisão entre letrados e iletrados. Infelizmente, é um modelo ainda bastante presente nas práticas de ensino de muitos professores, que consideram alguns conteúdos mais importantes que outros e se colocam na posição de detentores absolutos do saber, desconsiderando o conhecimento de mundo e as preferências de seus alunos.

Porém, como lembra o autor, existem vários tipos de letramento às quais as pessoas são expostas na sua vida diária, que não pertencem, necessariamente, às concepções dominantes, mas que são igualmente relevantes.

Nessa perspectiva, o trabalho em sala de aula não deve focar somente em letramentos dominantes, perpetuando a concepção de que há uma figura de autoridade que é a única responsável por repassar todo o saber e de que o aprendizado em contextos escolares é superior a todos os outros contextos em que o indivíduo pode adquirir aprendizados significativos, mas incentivar também o letramento vernacular, trazendo para o contexto escolar práticas de produção de gênero que promovam prazer e fruição, onde aluno e professor sejam participantes ativos no processo de ensino-aprendizagem.

Se alinharmos essas concepções ao ensino de gênero na escola e às escolhas feitas pelos professores de quais seriam os gêneros mais relevantes e que auxiliariam nessa busca pela erudição, será fácil perceber que a grande maioria prefere trabalhar com os de maior prestígio, encontrados em contextos formais, sem levar em consideração que, em suas práticas diárias, serão poucas as oportunidades em que seus alunos entrarão em contato com esse tipo de texto, enquanto os considerados “inferiores” possivelmente são os seus preferidos e fazem parte de sua cultura, estando bem mais presentes em seu cotidiano. O modelo autônomo de letramento, como lembra Street (2014), prioriza as práticas escritas em detrimento das orais e, talvez por esse motivo, gêneros que apresentam elementos de oralidade são considerados inferiores aos que tem como base a escrita.

Um conceito importante que deverá ser abordado para o melhor entendimento do gênero HQs é o de gênero do discurso, que, conforme Bakhtin (2003, p. 282), seriam “tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados em esferas de troca social que determinam a escolha do gênero a ser utilizado, além da intenção do interlocutor e o conjunto de participantes”.

De acordo com a teoria bakhtiniana, como a linguagem possui um caráter social, o texto seria um produto da interação social, no qual as palavras são vistas como produtos de trocas sociais, relacionadas a uma situação material concreta capaz de definir as condições de vida de uma comunidade linguística. Portanto, cada uma das esferas de uso da língua faz uso de “tipos relativamente estáveis de enunciado”, ou seja, os sujeitos integrantes de alguma esfera da atividade humana utilizam a língua em forma de enunciados, sejam eles orais ou escritos, concretos e únicos. (BAKHTIN, 2003).

São, portanto, estes “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que ocorrem em um contexto específico, que Bakhtin denomina de gêneros discursivos. Por serem sociais e ocorrerem em um contexto específico, os gêneros são diversos, sendo caracterizados pelo conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Lopes-Rossi (2002) afirma que o aprendizado de produção de texto escrito é um dos principais conteúdos das aulas de língua portuguesa, em todos os níveis, do fundamental ao ensino superior. Contudo, as propostas de redação ainda se baseiam fortemente na perspectiva tradicional, principalmente na clássica tríade narração-dissertação-argumentação.

Seguindo o pensamento bakhtiniano, a autora defende um ensino de produção escrita focado não em tipos textuais, mas em gêneros discursivos, onde o professor crie situações de redação que envolvam o aluno com algum objetivo ou leitor hipotético, planejando atividades que organizem o processo de produção de texto. Embora o aluno possa alcançar progressos através da perspectiva tradicional, as atividades são limitadas e se tornam repetitivas ao passar dos anos, além de ficarem restritas à sala de aula, sem que haja a circulação social da produção, algo que é frustrante tanto para o professor quanto para o aluno (LOPES-ROSSI, 2012).

É fácil observar os motivos pelos quais as HQs não são bem aceitas em contextos escolares. Dar espaço a elas significaria para a escola abrir mão de seu status de instituição legitimada e se deixar invadir por um tipo de cultura que não é percebida em contextos formais. Nesse esforço de manutenção de poder, a escola se fecha a qualquer intervenção que possa colocá-lo em dúvida. (PIVOVAR, 2007). Ainda em relação a poder, vale salientar que Street (2014) ressalta a relação entre poder e escrita, negando a concepção autônoma de que a obtenção da escrita é imprescindível para o sucesso escolar e profissional.

Como afirma Marcuschi (2011), o ensino baseado em gêneros deve atentar-se para aspectos mais ligados à realidade do aluno, ao invés de focar apenas em gêneros mais “poderosos”, ao menos como uma forma de iniciar os trabalhos. Nesse contexto, as HQs surgem como uma excelente estratégia a ser utilizada por professores em práticas de letramento, por ser um gênero próximo à realidade do aluno, com o qual ele se identifica, além de ser lúdico e atrativo, devido a seus ricos recursos multimodais,

que facilitam e instigam a leitura.

Como afirma Lopes-Rossi (2011), cabe ao professor criar as condições necessárias para que seus alunos se apropriem das características discursivas de diversos gêneros, em situações de comunicação real. Assim sendo, ao trabalhar a leitura e a escrita em sala de aula, o professor não deve se prender a concepções autônomas de que há um único tipo de letramento responsável por promover uma escolarização de sucesso. Ao invés de marginalizar e excluir do contexto de ensino a cultura desses alunos, principalmente daqueles considerados “problemáticos”, é necessário valorizá-la, resgatando sua autoestima, que por muitas vezes encontra-se baixa pelo fato de não se identificarem com as escolhas dos professores e, por isso, se sentem incapazes e inferiores. Além disso, o professor pode se aproximar de seu aluno, conhecer sua realidade e expectativas, o que, juntamente à afetividade, pode transformar suas vidas e resgatar sua cidadania ao se perceber protagonista no processo de ensino-aprendizagem.

Como dito anteriormente, o desenvolvimento tecnológico influencia a forma de interação entre as pessoas, e a noção de letramento como um conjunto de práticas sociais compreende que há letramentos, designados assim no plural, que podem ser associados a diversas competências da vida.

O uso de HQs em sala de aula, ao trabalhar a linguagem verbal e não verbal, promove um letramento multimodal, já que não consiste em apenas “juntar palavras e imagens, antes, relacioná-las, respeitando princípios de organização, por se tratar de diferentes formas de representação da comunicação humana, com variados graus de informatividade visual, justificando, assim, a necessidade de um letramento plural, que contemple múltiplas esferas da linguagem, a saber: multiletramento” (SANTOS, 2011, p. 307).

Ou seja, o aluno precisa reconhecer e aplicar os diversos recursos que compõem o gênero, como as figuras, os tipos de balões que estão relacionados aos tipos de fala (sussurros, gritos, risadas), a disposição gráfica do texto que pode mudar de acordo com o tipo de HQ (nos mangás, estilo de HQ japonês, por exemplo, a leitura é feita de trás para frente), onomatopeias, entre outros recursos.

Mesmo ainda estando presos em concepções autônomas, é cada vez maior a preocupação por parte dos professores em inserir gêneros textuais diversos e recursos tecnológicos atuais em suas práticas de ensino, o que incentiva o aluno a participar da aula, pois se identifica com ela. O uso de imagens aliadas ao texto escrito pode auxiliar bastante na aprendizagem, pois prendem a atenção do aluno, principalmente daqueles que ainda não desenvolveram o gosto pela leitura. Além disso, os textos visuais estão presentes atualmente em todos os contextos sociais. Por esta razão, é comum vermos a presença de HQs nos livros didáticos, embora na maioria das vezes não sejam trabalhados explorando as características constitutivas do gênero e sirvam apenas como suporte para questões de interpretação textual ou gramaticais.

Segundo Lopes-Rossi (2012), nem todos os gêneros servem à produção escrita na escola, pois suas situações de produção e de circulação social dificilmente seriam reproduzidas em sala de aula ou porque o professor tende a priorizar as atividades de

leitura, o que nos remete à maneira como as HQs são geralmente trabalhadas em sala de aula. O livro didático, no qual grande parte dos professores se apoia quase que exclusivamente, traz geralmente um exemplo de HQ, uma listagem de suas principais características, informações sobre o autor e questões relacionadas somente à compreensão do texto.

Ainda que edições mais recentes de algumas coleções se proponham a trabalhar com diversos gêneros discursivos, é notório que as atividades propostas não possibilitam um trabalho que aborde as HQs em toda a sua dimensão. O contato do aluno com o gênero é extremamente limitado, resumindo-se a leitura de fragmentos de textos, discussão das características consideradas mais importantes e, logo em seguida, há uma proposta de produção textual totalmente descontextualizada, sem finalidade e que não é levada adiante, ou seja, a produção para nas mãos do professor, recebe uma nota e não é exposta a outros públicos, o que torna a atividade desinteressante e sem sentido para o aluno.

Além disso, é importante que os alunos entrem em contato com o suporte típico do gênero, no caso das HQs, as revistas, para que possam observar todas as suas características, como tamanho, textura das folhas, cores, tipos de balões e letras utilizadas e estilo de leitura, características que nem sempre podem ser reproduzidas pelo livro didático. Assim sendo, é de suma importância que o professor traga para a sala de aula exemplos do gênero que irá ser trabalhado, não supervalorizando, dessa forma, o livro didático.

De acordo com Vergueiro (2014), as últimas décadas foram de suma importância para uma mudança de concepção sobre as HQs. Se antes eram vistas como “mera literatura de entretenimento” e com conteúdo pouco relevante para o aluno, hoje já se percebe sua grande variedade formal e estilística. Além disso, a sua multimodalidade e características lúdicas os tornam bons instrumentos para práticas de letramento.

Ao trabalhar com gêneros que já estão presentes no cotidiano dos alunos e com o qual eles já apresentam certa afinidade, o professor enfatiza a importância de um trabalho que prioriza a apresentação e usos sociais de gêneros variados, oriundos de diferentes esferas sociais (SOARES, 2004).

Embora as HQs sejam reconhecidas e recomendadas até mesmo na legislação educacional, como nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), ainda há bastante trabalho a ser feito para combater os discursos conservadores a respeito deste gênero. Hoje se sabe que podem ser grandes aliadas dos educadores, por ser um texto democrático, que agrada tanto leitores iniciantes como os que já leem com fluência. Sua utilização em sala de aula, desde que observada a adequação formal e temática à série/ano, promove um letramento no molde ideológico defendido por Street (2014), que associa a leitura e a escrita às práticas sociais.

2 METODOLOGIA

O projeto, intitulado “HQs na escola”, teve duração de aproximadamente três meses, sendo executado nas aulas de Português I, voltadas à produção textual, em duas aulas de cinquenta minutos cada, uma vez por semana. As aulas eram conjugadas, o que facilitou seu desenvolvimento.

Adaptado da proposta de Lopes-Rossi (2012) para o trabalho com gêneros discursivos na escola, foi elaborado de forma conjunta pelos professores das disciplinas Português e Artes, que lecionavam na turma de 9º ano considerada “turma problema” da escola, e com a participação da professora regente do laboratório de informática. Como já mencionado anteriormente, diversos projetos já tinham sido aplicados, porém nenhum obteve sucesso e eram abandonados antes mesmo de sua finalização.

Inicialmente, foi dividido em três momentos, onde cada momento teve duração de aproximadamente um mês. Na primeira etapa, denominada resgate e sensibilização, foram feitos levantamentos dos conhecimentos prévios dos alunos a respeito do gênero, que tipos de HQs conheciam, quais os personagens favoritos, qual achavam que seria sua origem.

Depois de ouvir e de anotar suas observações na lousa, os professores disponibilizaram diversos HQs para que os alunos pudessem manipulá-las, o que possibilitou a análise da plataforma, a revista ou o mangá. Características como cores, formas de leitura, tipos de papel e de linguagem foram salientadas pelos alunos, que mostraram satisfação em entrar em contato com o gênero de maneira direta, e não somente através de exemplos do livro didático.

Ainda nessa primeira etapa, foi solicitado aos alunos que fizessem uma pesquisa em relação às origens de suas HQs preferidas, que foram discutidas em sala. Como foi um trabalho inicialmente pensado para não valer nota, os professores acreditaram que poucos alunos realizariam essa etapa, mas se surpreenderam ao perceber que todos da turma não só fizeram as pesquisas como estavam dispostos a discuti-las com os colegas. Neste momento, foi possível perceber que alguns alunos se identificavam mais com a cultura japonesa, os mangás; outros preferiam os comic books de super-heróis americanos; alguns, as tradicionais HQs brasileiras, como a Turma da Mônica Jovem e Luluzinha. Foi um momento de rico aprendizado, em que várias culturas foram discutidas e no qual os alunos se sentiram valorizados e participantes do processo de ensino-aprendizagem.

No segundo momento, foram analisadas as características multimodais do gênero. Os alunos foram divididos em grupos de quatro a cinco componentes e receberam algumas HQs e cartolinas. A atividade proposta era que recortassem das revistas e colassem nas cartolinas o que compreendiam ser título, subtítulo, personagens, legendas, onomatopeias, interjeições, expressões faciais, balões de diálogos. Os grupos se apresentaram expondo seus conhecimentos do que foi levantado e os professores fizeram pequenas intervenções apenas para ampliar a compreensão dos termos apresentados.

Terminadas as apresentações, foram entregues HQs xerocadas, em que não havia presença da linguagem verbal e outras apenas com os balões contendo as falas dos personagens, sem as imagens. Os professores pediram aos alunos que completassem as histórias, as primeiras com falas e as outras com desenhos.

Ao desenvolver essa atividade, discutiu-se a importância da linguagem verbal e não verbal para as HQs, e que existem histórias em que não há nenhuma fala, mas que podem ser perfeitamente compreendidas somente através das expressões faciais dos personagens. Os alunos afirmaram não ter preguiça de ler mesmo as histórias com muitos balões de fala, mas que só consideravam a leitura interessante pela presença das imagens.

Ainda neste segundo momento do projeto, os alunos foram levados ao laboratório de informática, onde puderam entrar em contato com HQs também em versão digital e foram apresentados ao site em que produziram suas próprias histórias. Poucos alunos sentiram dificuldades na utilização das ferramentas do site, que é autoexplicativo, e as dúvidas que surgiam eram rapidamente sanadas pela professora regente do laboratório.

Embora não fosse a intenção restringir a criação das histórias, os professores pediram que os personagens principais fossem os próprios alunos e que buscassem relatar algo interessante que já haviam presenciado ou protagonizado.

Esta foi a parte mais interessante do projeto, pois permitiu que os professores entrassem em contato com a realidade de seus alunos, conhecessem seus problemas pessoais e as prováveis causas do mal comportamento em sala de aula. Muitos sofriam abusos em casa, outros presenciaram tragédias familiares; um relatou seu problema com as drogas.

Os alunos começaram a sentir confiança em contar suas histórias de vida aos professores que, por sua vez, passaram a criar laços afetivos com aquela turma, antes antipatizada pela grande maioria deles. A presença da afetividade, da qual são bastante carentes mesmo em casa, proporcionou outras possibilidades ao projeto, como o resgate de sua autoestima e cidadania, promovendo uma mudança efetiva em suas vidas.

No terceiro momento, a culminância, os alunos inicialmente apresentaram suas produções em sala de aula, aos professores e colegas da turma e começaram a planejar a apresentação para os outros membros da comunidade escolar. Foi, então, decidida uma data para a finalização do projeto, em formato de mostra cultural, onde os alunos apresentaram suas produções a toda a comunidade escolar, incluindo os pais de alguns alunos. Embora não tenha sido planejada para constar como nota, as atividades valeram como a nota parcial da turma no quarto bimestre. As HQs produzidas durante o projeto encontram-se atualmente no acervo da biblioteca da escola.

O projeto possibilitou, assim, que tentássemos mudar a realidade daqueles alunos, através de ações envolvendo toda a comunidade escolar, como reuniões de pais, encaminhamentos psicológicos, angariação de roupas e comida que, se não sanaram, amenizaram alguns dos problemas enfrentados por eles.

3 CONCLUSÃO

O modelo autônomo de letramento, embora combatido por estudiosos importantes como Street (2014), ainda persiste na realidade educacional brasileira. Não há uma formação adequada para professores da rede pública, ou sequer incentivo para que aprimorem e deem continuidade à sua formação. Os conceitos importantes tratados nos novos estudos de letramento não são repassados ao professor da educação básica, que se vê preso entre suas próprias concepções tradicionais e sua vontade de inovar.

Dessa forma, o trabalho do professor na maioria das vezes acontece de maneira intuitiva, com o uso de estratégias de erro e acerto; ou seja, somente através de seus próprios erros, o professor aprimora suas práticas de ensino.

Apesar das dificuldades e limitações, é necessário que o professor não reproduza em suas práticas diárias essas concepções autônomas, valorizando o conhecimento e cultura de seus alunos, incentivando-os a participar das aulas não só como ouvintes, mas como participantes ativos, fazendo com que a aula se torne uma troca de conhecimentos; deve, também, incentivar as práticas orais ao invés de valorizar somente a escrita, como se a habilidade de escrever estivesse diretamente relacionada a obtenção de poder e sucesso escolar, frustrando àqueles que não a dominam e não se portar como detentor absoluto do saber, utilizando o livro didático como a única ferramenta que possui as respostas certas, não dando oportunidade ao aluno de questioná-lo.

O projeto apresentado neste artigo surgiu como uma tentativa de superar essas dificuldades, a partir de uma inquietação pessoal por parte de um grupo de professores que acreditavam que a melhor saída para lidar com uma turma problemática seria não desistindo dela, mas tentando auxiliar a esses alunos a sentirem-se participantes no processo de ensino-aprendizagem, trazendo sua cultura e seus conhecimentos para o contexto escolar.

Valorizar apenas o que se chama de letramento dominante, desconsiderando os letramentos vernáculos, faz com que os alunos não se identifiquem com as aulas e, por isso, não gostem delas. O trabalho com as HQs mostrou-se bastante efetivo por se tratar de um gênero com o qual eles se identificam, ao invés de ser uma leitura obrigatória imposta pelo professor.

Os conceitos de letramento mostram a necessidade não apenas de saber ler os quadrinhos e responder questões de interpretação textual relacionadas a eles, mas, sobretudo, de compreender seus usos e funções sociais. O trabalho com este gênero em sala de aula mostrou-se, portanto, benéfico ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos, desde que sejam observadas a adequação do universo estilístico e formal ao público a que se destinam.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, MEC/SEF. 1998.

LOPES-ROSSI, M. A. G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In Gêneros textuais: reflexão e ensino. Organizadores Acir Mário Karwoski, Beatriz Gaydeczka, Karim Siebeneicher Brito. São Paulo: Parábola, 2011.

_____. Sequências didáticas para produção escrita na escola: um registro de práticas bem sucedidas no ensino fundamental e médio. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2012.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade pp 19-36. In Gêneros textuais e ensino. Organizadores Angela Paiva Dionísio, Anna Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PIVOVAR, A. Escola e histórias em quadrinhos: o agon discursivo. 216 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

STREET, B. Literacy in theory and practice. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

_____. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VERGUEIRO, W. Uso das HQ no ensino. In RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2014, pp. 7- 29.

Título em inglês:

EXPERIENCE REPORT: THE USE OF COMICS AS LITERACY PRACTICE IN A NINTH GRADE CLASS